Quem pode estar em cena? Identidade racial e ética no psicodrama

Daniela Aparecida Cardoso da Silva[1]

RESUMO

Tomo a pergunta “quem pode estar em cena?” para problematizar a construção do vínculo terapêutico no psicodrama a partir do atravessamento das relações raciais. Considerando o contexto brasileiro, marcado pelo racismo estrutural, argumento que a cena psicodramática não se constitui fora das hierarquias raciais que organizam a vida social, ainda que o campo psi tenha operado sob a ficção da neutralidade técnica. Implicada em uma perspectiva clínico-política situada, discuto como a identidade racial da psicodramatista incide na produção do vínculo terapêutico, podendo operar como possibilidade de reconhecimento, acolhimento e segurança, ou como elemento que mobiliza tensões transferenciais. Compreendo tais dinâmicas como efeitos de estruturas históricas que definem quais corpos são legitimados como produtores de saber e autoridade clínica. A fundamentação teórica articula contribuições do debate sobre racismo estrutural, produções do campo das relações raciais e da saúde mental da população negra, além de referenciais da Socionomia. Destacam-se as formulações de Beatriz Nascimento acerca do quilombo como território político de existência. É a partir desse diálogo que proponho o aquilombamento como estratégia ética no setting psicodramático, favorecendo pertencimento, proteção e a emergência de narrativas historicamente subalternizadas. Metodologicamente, trata-se de um estudo teórico-clínico, de abordagem qualitativa, orientado por minha experiência profissional, na análise de vinhetas clínicas e em revisão bibliográfica contemporânea. A leitura considera a prática clínica como atravessada por marcadores sociais que incidem na produção do vínculo e nas dinâmicas transferenciais e télicas. Como contribuição, busco ampliar a compreensão crítica das relações raciais na formação psicodramática, problematizar a neutralidade técnica e oferecer subsídios para o manejo do vínculo atravessado por marcadores raciais, reafirmando o psicodrama como espaço comprometido com dignidade, pertencimento, visibilidade e florescimento de vidas negras.

Palavras-chave: Aquilombamento. Identidade Racial. Vínculo Terapêutico. Relações Raciais. Psicodrama.

[1] Psicodramatista nível I (em conclusão), Sociedade de Psicodrama de São Paulo (SOPSP), danielacardoso.psi@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Quem pode estar em cena? A pergunta que intitula este trabalho incide na história do psicodrama, em seus processos formativos e nos corpos legitimados como protagonistas, diretores e produtores de saber. No Brasil, país forjado pela violência colonial e pela escravização de povos africanos, a cena terapêutica tampouco está imune ao racismo estrutural e às hierarquias raciais que, ainda hoje, balizam a vida social. Mesmo assim, o campo psi, frequentemente, sustentou a ficção da neutralidade técnica como garantia de ética, evitando interrogar quais marcadores atravessam o setting psicoterapêutico e, com isso, silenciando o impacto da identidade racial de quem dirige e de quem protagoniza.

Escrevo a partir de um lugar situado: sou mulher negra de pele clara, psicóloga e psicodramatista com mais de vinte anos de prática clínica. Minha identidade racial não adentra o atendimento como detalhe biográfico; ela atravessa a relação, produz ressonâncias, convoca identificações e pode mobilizar resistências, participando ativamente da construção do vínculo terapêutico.

Ao longo da minha trajetória, tornou-se evidente que a pergunta sobre quem pode estar em cena não diz respeito apenas às pessoas atendidas, mas também a quem dirige, coordena, forma e ocupa lugares de autoridade no campo socionômico. Se, para algumas pessoas, minha presença opera como possibilidade de reconhecimento, acolhimento e segurança, para outras mobiliza tensões transferenciais que revelam o quanto a branquitude permanece naturalizada como lugar legítimo de suposto saber e de autoridade clínica. Ao formular essa pergunta, questiono as estruturas que definem quem é reconhecida como pessoa plena no espaço

terapêutico e quem precisa justificar continuamente sua presença.

Este trabalho nasce do meu incômodo diante de um silêncio reiterado: a ausência de uma compreensão crítica das relações raciais na formação psicodramática; a manutenção da branquitude como norma não interrogada; a redução do sofrimento racial à experiência individual, descolando-o de sua dimensão estrutural. Se o palco é lugar de criação e transformação, compreendo que ele precisa também configurar-se como espaço de revisão das hierarquias que o sustentam.

Quando pergunto quem pode estar em cena, minha intenção é convocar o meio psicodramático a reconhecer que toda prática clínica é atravessada por relações de poder – e que ignorá-las constitui, por si, uma posição política. Tensionar essa naturalização é parte inegociável do compromisso ético que nos cabe enquanto psicodramatistas.

2. JUSTIFICATIVA

O debate contemporâneo sobre relações raciais aponta que o racismo não se restringe ao plano interpessoal nem constitui uma questão periférica do tecido social brasileiro, mas opera como tecnologia de poder que estrutura instâncias, saberes e subjetividades. (Almeida, 2019; Carneiro, 2023). Ao reconhecer essa lógica, compreendo que a clínica, enquanto prática situada, não está fora dessa engrenagem.

No campo da saúde mental, autoras como Grada Kilomba (2019) demonstram como o silenciamento epistêmico incide sobre pessoas negras, produzindo deslocamentos entre

experiência vivida e reconhecimento social. Quando a dimensão racial do sofrimento é desconsiderada, há risco de psicologizar experiências que são também efeitos de violência estrutural. Nesse sentido, a psicologia tende a reproduzir lógicas de exclusão presentes na sociedade brasileira. Isso se evidencia tanto na baixa presença de pessoas negras e indígenas nos espaços de formação, docência e produção de conhecimento, quanto nas desigualdades que ainda marcam o acesso dessas populações aos cuidados em saúde mental (Malaquias, 2025)

A Socionomia propõe o palco como espaço de criação, encontro e transformação de papéis (Moreno, 1983; 2013). Contudo, a noção de espontaneidade precisa ser problematizada à luz das condições históricas que definem quais corpos foram autorizados a ocupar determinados lugares sociais.

As formulações de Beatriz Nascimento (2006; 2021) acerca do quilombo como território político de existência e resistência oferecem subsídios para pensar o aquilombamento como estratégia ética no setting psicodramático. Aquilombar não significa homogeneizar experiências, mas criar condições de pertencimento e proteção que possibilitem a emergência de narrativas historicamente subalternizadas e, como apontam Schucman et al (2025), a constituição de espaços de subjetivação nos quais pessoas negras possam florescer de forma afirmativa e coletiva.

Trata-se, assim, de um processo de reorganização da vida em que articulam-se reverências aos legados ancestrais, constroem-se perspectivas de futuro, criam-se refúgios frente às violências socialmente impostas e reinventa-se a existência a partir de vínculos sustentados no respeito, na confiança e no reconhecimento da pluralidade que compõe a comunidade (Silva & Soares, 2025).

Desta forma, discutir identidade racial no psicodrama implica revisar pressupostos formativos, tensionar a naturalização da branquitude e qualificar a construção do vínculo terapêutico como acontecimento também político.

3. OBJETIVOS

Analisar, a partir de uma perspectiva clínico-política situada, como a identidade racial da psicoterapeuta atravessa a construção do vínculo terapêutico no setting psicodramático, problematizando a neutralidade técnica e propondo o aquilombamento como ética de cuidado comprometida com o florescimento de vidas negras.

4. METODOLOGIA

Desenvolvo um estudo teórico-clínico, de abordagem qualitativa, fundamentado em minha experiência profissional como psicodramatista negra. A análise se ancora na reflexão crítica de vinhetas clínicas que evidenciam o atravessamento das relações raciais na constituição do vínculo terapêutico, articulada à revisão bibliográfica contemporânea.

A leitura parte do reconhecimento de que a prática clínica não é neutra, sendo atravessada por marcadores sociais que incidem na produção do vínculo, nas possibilidades de fala e nas dinâmicas transferenciais e télicas. Mobilizo referenciais críticos antirracistas e contracoloniais em diálogo com a Socionomia, compreendendo a produção de conhecimento como situada, implicada e comprometida com a transformação das práticas clínicas.

5. RESULTADOS ESPERADOS

Com este trabalho, busco tensionar e aprofundar a compreensão crítica das relações raciais na formação psicodramática, oferecendo subsídios teórico-clínicos para o manejo do vínculo atravessado por marcadores raciais e problematizando a neutralidade técnica. Além disso, procuro somar ao fortalecimento de práticas de aquilombamento no setting como estratégia ética e ancestral de cuidado, ampliando o compromisso do psicodrama com a diversidade de narrativas e com a sustentação de espaços seguros para corpos dissidentes. Por fim, proponho reafirmar o palco psicodramático como território de produção de dignidade, visibilidade, pertencimento e florescimento de vidas negras.

6. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. L. de. **Racismo estrutural.** São Paulo: Pólen, 2019. (Feminismos plurais).

CARNEIRO, S. **Dispositivo de racialidade:** a construção do outro como não ser como fundamento do ser. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação:** episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MALAQUIAS, M. C. Kizomba Psicodramática: Experiências de aquilombamento. **Revista Brasileira de Psicodrama**, *[S. l.]*, v. 33, 2025. Disponível em:

https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/720. Acesso em: 13 mar. 2026.

MORENO, J. L. **Fundamentos do psicodrama.** 2ª ed. Tradução de Maria Silva Mourão Neto. São Paulo: Summus, 1983.

_____. **Psicodrama.** São Paulo: Cultrix, 2013.

NASCIMENTO, B. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: RATTS, A. (org.). **Eu sou Atlântica:** sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. Brasília: Instituto Kuanza, 2006. p. 117–125.

_____. Kilombo. In: RATTS, A. (org.). **Uma história feita por mãos negras:** relações raciais, quilombos e movimentos. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. p. 247–251.

SCHUCMAN, L. V. et al. Escuta Preta: Grupos de acolhimento como estratégia de aquilombamento. **Revista Brasileira de Psicodrama,** *[S. l.]*, v. 33, 2025. Disponível em: https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/718. Acesso em: 14 mar. 2026.

SILVA, D. A. C. & SOARES, J. S. Aquilombamento no palco: tecendo possibilidades psicodramáticas à luz de uma tecnologia ancestral. **Revista Brasileira de Psicodrama**, *[S. l.]*, v. 33, 2025. Disponível em: https://revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/714. Acesso em: 03 mar. 2026.